

Apresentação

O segundo número de nosso 11º volume é constituído por dois artigos e sete traduções. A seguir apresentamos brevemente cada um desses textos para buscar despertar o interesse de leitores pelo conteúdo de cada um deles.

Abre nossa seção de artigos “**A ‘masculinização’ de Clitemnestra no *Agamêmnon*, de Ésquilo**”, de autoria de Tiago Irigaray. Em seu artigo, o estudioso busca defender a existência de incoerências decorrentes da tentativa de Ésquilo de masculinizar Clitemnestra, no que diz respeito a sua condenação. Tal masculinização, na opinião de Irigaray, levanta, ainda, questionamentos sobre representações do feminino, as relações de poder e a origem biológica da vida, que são o que está em jogo no julgamento de Orestes em *Eumênides*, quando Atena determina que Orestes é “filho do pai” numa solução *Deus ex machina* pouco satisfatória.

Paulo Martins e Bruna Dourado Frasci apresentam observações sobre o repertório lexical da nudez nos poetas elegíacos, Propércio, Ovídio e Tibulo em “**A nudez e sua significação nas elegias latinas**”. O objetivo dos autores é destacar a presença de elementos que corroborem a interpretação metapoética de tal repertório nas elegias dos mencionados poetas. Além disso, Martins e Frasci contextualizam o tema frequente da nudez, indicado pela ausência de vestes ou vestes transparentes das *puellae* elegíacas, nesse gênero poético.

Já na seção de traduções, temos inicialmente o trabalho de Dionelle Araújo, “**Tradução de *Was darf die Satire?*, de Kurt Tucholsky**”. Ali, a estudiosa traz a público sua tradução do alemão para o português brasileiro deste ensaio do jornalista, ensaísta, satirista, poeta e crítico Kurt Tucholsky (1890-1935). Tucholsky, que também assinava os seus trabalhos sob os pseudônimos Peter Panter, Theobald Tiger, Ignaz Wrobel e Kaspar Hauser, se tornou renomado por conta de suas sátiras. Nesta o literato tematiza precisamente o próprio gênero, seus limites e responsabilidades, e defende que a sátira tudo pode.

Na sequência, Wesley Ferreira de Araujo, Paulo Custódio de Oliveira e Tiago Marques Luiz apresentam “**Tradução de ‘Uma conversa solitária: um olhar Bakhtiniano sobre ‘Dagon’, De H. P. Lovecraft’ de Isaac Aday**”. Os estudiosos traduzem do inglês para o português brasileiro artigo de Isaac Aday sobre o clássico conto “Dagon” de Lovecraft. Em seu artigo, o estudioso emprega, o conceito de polifonia de Mikhail Bakhtin (2010) para analisar o conto lovecraftiano, reconhecendo o narrador solitário não como uma única voz, mas como múltiplas vozes igualmente válidas.

Já Márcio Meirelles Gouvêa Júnior volta-se para um poema de Agostinho de Hipona em “**O Salmo contra a facção de Donato, ou Salmo Abecedário, de Agostinho de Hipona: comentários e tradução de um poema popular do século IV**”. Apresenta-se aqui a primeira tradução poética para o português do *Salmo* –

um sermão contra o cisma donatista que rompera a unidade da igreja católica na África Proconsular –, elaborada em redondilhas maiores (versos septissílabos), em busca de uma semelhança rítmica possível entre os versos originais e a opção tradutória. A tradução é antecedida por um breve panorama histórico e uma análise estrutural da obra, que visa a sistematização de seu conteúdo.

Em “**Tradução coletiva de *Apologia de Sócrates perante os dicastas de Xenofonte***”, Rainer Guggenberger, Tania Martins Santos, Emerson Rocha de Almeida, Fernanda Borges da Costa, Gabriel Heil Figueira da Silva, Laura Castello Branco e Samira de Oliveira Machado apresentam uma tradução do concebida e executada como coletiva. A versão do texto eleito de Xenofonte é resultado do trabalho deste grupo de sete pessoas com as mais variadas proficiências em língua grega e em língua portuguesa.

Em “**O batismo de Probo (*Atos de Xantipa, Políxena e Rebeca*, XXI): tradução e comentário**”, Fernando Pavão traduz a narrativa do batismo de Probo, que marca o final da primeira parte do enredo dos *Atos de Xantipa, Políxena e Rebeca*, um romance cristão escrito na Antiguidade Tardia. Tem-se, ainda, uma discussão dos itens relevantes para datação da passagem, além de breve introdução e contextualização do romance.

Por fim, “**Juvenal e os intelectuais: tradução da sátira VII**”, de Mônica Costa Vitorino, encerra nosso número. A estudiosa busca mostrar, por meio da tradução da sátira selecionada, como este poema permite apresentar a condição dos vários profissionais ligados à educação e cultura em Roma no tempo do poeta Juvenal, isto é, séculos I e II d.C. Além disso, Vitorino procura demonstrar que o gênero literário escolhido pelo autor, a sátira, serve perfeitamente como fonte para reconstruir esse ambiente intelectual romano da época.

2

Com votos de boa leitura,

A equipe editorial
André Rodrigues Bertacchi
Carol Martins da Rocha
Noemi Teles de Melo